


Maria, a louca: Subjetividades em trânsito

Maria, the Mad: Subjectivities in Transit

Weigma Michely da Silva ¹

 <https://orcid.org/0000-0003-2123-7149>

Érica de Cássia Maia Ferreira ²

 <https://orcid.org/0000-0002-3976-7175>

Márcio Araújo de Melo ³

 <https://orcid.org/0000-0002-6665-4221>

Resumo

Analisamos os recursos imagéticos utilizados para constituição da experiência evocativa do personagem Günter e o grupo de operários alemães em interação com a paisagem amazonense no romance *Mad Maria* (1980), do escritor amazonense Márcio Souza. A integração entre geografia e literatura permite uma análise aprofundada do espaço como uma construção cultural e social, ampliando a compreensão das interações complexas entre o ser humano e o ambiente natural. Teoricamente, este estudo baseia-se nos conceitos do dialogismo bakhtiniano, além da definição geográfica de paisagem e espaço.

Palavras-Chave: Subjetividade; Paisagem; Espaço; Dialogismo.

Abstract

We aim to analyze the visual resources used to constitute the evocative experience of the character Günter and the group of German workers in interaction with the Amazonian landscape, based on the novel *Mad Maria* (1980) by the Amazonian writer Márcio Souza. The integration of geography and literature allows for an in-depth analysis of space as a cultural and social construct, broadening the understanding of the complex interactions between humans and the natural environment. Theoretically, this study is based on Bakhtinian concepts of dialogism, in addition to the geographical definition of landscape and space.

Keywords: Subjectivity; Landscape; Space; Dialogism.

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal do Norte do Tocantins, Professora da Secretaria de Educação do Tocantins, weigmagestar@gmail.com

² Doutora em Letras, Formadora EducaTO, ericadecassia_maia@hotmail.com

³ Doutora em Ciências pela Universidade Federal do Pará, Professora da Universidade Federal do Tocantins, mariaecilene@yahoo.com.br

Maria, a louca⁴...

O foco deste estudo é a análise da constituição evocativa do grupo de operários alemães, liderados por Günter, em sua interação com a paisagem amazônica, no romance *Mad Maria*, de Márcio Souza (1985). A narrativa se passa na virada do século XX, durante a construção da ferrovia Madeira-Mamoré, um projeto destinado a conectar a Amazônia à Bolívia para facilitar o escoamento da borracha. Logo no início, Souza (1985, p. 11) alerta o leitor sobre a proximidade entre ficção e realidade na obra, afirmando que toda a tessitura remete à realidade da construção da ferrovia, desde as políticas de gabinete até as relações entre os operários, mas ressalva que "este livro não passa de um romance".

A ferrovia Madeira-Mamoré em *Mad Maria* serve como metáfora para o embate cultural transnacional (o lugar da fronteira, as tensões entre trabalhadores de diferentes nacionalidades, as diferentes línguas e culturas, os interesses de uma elite nacional e estrangeiros na Amazônia) e a resistência da floresta que seria, enfim, o grande destinador dos destinos dos sujeitos e projetos econômicos. Naquele momento da história do país, a floresta impõe suas condições para ser e viver.

A obra, que se desdobra em múltiplas camadas narrativas, encapsula o espaço amazônico e reflete as tensões entre progresso tecnológico e preservação cultural, revelando-se como um campo de luta material e um cenário para conflitos emocionais, sociais e históricos. Essa complexidade confere profundidade à trama e ressoa com as preocupações pessoais de Souza, tornando a ferrovia um símbolo das contradições inerentes à modernização e suas implicações para a identidade cultural e espacial amazonense.

Márcio Gonçalves Bentes de Souza (1946-2024) é um autor que se destacou como romancista, dramaturgo, ensaísta, contista e diretor de cinema. Sua formação em Ciências Sociais, iniciada na UnB e USP, foi interrompida pela ditadura militar, levando-o a atuar como crítico e roteirista no cinema. Suas obras literárias e teatrais refletem uma perspectiva crítica sobre poder e resistência cultural, fruto de sua militância política e da repressão que sofreu, com várias de suas peças sendo censuradas. De volta a Manaus em 1972, Souza assumiu papéis importantes na cultura brasileira, como diretor da Fundação Cultural do Amazonas, do Departamento Nacional do Livro, e presidente da Funarte. Sua atuação internacional incluiu

⁴ O título "Maria, a Louca" foi escolhido com base no trecho do romance *Mad Maria*, de Souza (1985, p. 143), que explora a percepção do engenheiro americano sobre a contradição na tradução cultural no nome da locomotiva, que em inglês é neutro (*locomotive*), associando-o ao costume norte-americano de atribuir nomes femininos a desastres naturais. A expressão em português, neste estudo, reflete a loucura como forma de resistência e não conformismo, expressando subjetividades que desafiam convenções sociais e estruturas de poder.

parcerias em universidades renomadas, além de ter sido titular da Academia Amazonense de Letras.

Souza (1985) utiliza o projeto da ferrovia como uma ferramenta para abordar as dinâmicas de poder e identidade que transformam os sujeitos em resposta ao ambiente amazônico. Nesse sentido, em diálogo com Chaveiro (2015, p. 44), concordamos que “o escritor, ao inventar mundos ficcionais por meio da narrativa, adentra em si mesmo. Se a sua matéria-prima é a palavra, a substância criadora é o seu íntimo, produzido por sua experiência de sujeito.” A vida e a obra de Márcio Souza refletem um profundo engajamento com questões culturais, sociais e políticas da Amazônia, elementos que permeiam sua ficção de forma intrínseca. Essa imersão em sua própria vivência como sujeito amazônico dá à narrativa uma autenticidade que vai além da mera representação da paisagem.

Em *Mad Maria*, encontram-se narrativas que retratam as dificuldades enfrentadas pelos operários na floresta amazônica, lidando com doenças, violência, conflitos culturais e as adversidades de um ambiente considerado "hostil". Ao entrelaçar ficção e realidade, Souza (1985) examina a condição humana ao colocar os personagens em confronto com um ambiente que os desumaniza, transformando-os em figuras anônimas e vulneráveis diante das forças da natureza e da exploração capitalista. Embora o narrador designe as diferentes nacionalidades entre os operários da ferrovia, ele ressalta que "o aspecto de cada homem era igual, independente da nacionalidade", ou seja, suas existências estavam anuladas, reveladas por corpos "maltrapilhos, abatidos, esqueléticos, decrepitos como condenados de um campo de trabalho forçado" (Souza, 1985, p. 18). Essa imagem reforça a crítica às condições desumanas de trabalho e as implicações avassaladoras do projeto de modernização sobre as vidas dos trabalhadores.

Após esta breve introdução, discutimos os conceitos que orientam a leitura do romance a partir de uma perspectiva em que geografia e literatura se interrelacionam. Em seguida, buscamos refletir sobre a constituição da subjetividade do personagem Günter. Na seção posterior, analisamos a constituição evocativa das personagens em sua interação com a paisagem à luz do conceito do dialogismo bakhtiniano.

Maria, a louca: rompendo os limites

A literatura revela-se como um fenômeno social e dialógico, em que as palavras e os significados são desvelados pelas interações sociais e pelas múltiplas vozes presentes na sociedade, expondo as estruturas de poder em *Mad Maria*. Sob essa perspectiva, o "artístico

[...] é uma forma específica da inter-relação entre o criador e os contempladores na obra artística" (Volochinov, 2019 [1889-1936], p. 115), e a obra de Souza (1985) convoca o leitor a participar ativamente da construção de significados, criando um diálogo constante entre o texto, suas implicações sociais e as interpretações de quem o lê.

Nessa perspectiva, adota-se uma abordagem da palavra como fenômeno sociológico, pois, “Por mais que analisemos todas as propriedades do material e todas as possíveis combinações dessas propriedades” — como ocorre em abordagens formalistas — “nunca seríamos capazes de encontrar o seu significado estético sem trazer contrabando de um outro ponto de vista que ultrapasse os limites da análise material” (Volochinov, 2019 [1895-1936], p. 115).

Assim, recorreremos à geografia para entender o conceito de paisagem, que pode ser definido como "aquilo que está ao alcance de nossa visão" (Santos, 2014, p. 67). O conceito de espaço, por sua vez, vai além das formas físicas visíveis, abrangendo também "as formas e a vida que as anima" (Santos, 1996, p. 66). O espaço se constitui pela interação entre a sociedade e a paisagem, e é através dessa relação que o movimento e a dinâmica social são incorporados ao espaço (Santos, 2014, p. 79).

Ao aproximar os estudos literários da geografia e das ciências humanas, cria-se a possibilidade de produzir ferramentas epistemológicas e políticas que permitem uma leitura mais complexa do espaço, compreendendo-o em suas manifestações físicas e simbólicas. Essa percepção se alinha à perspectiva de Santos (1996), para quem o espaço constitui-se tanto pelas práticas sociais quanto pelas forças históricas que o animam.

Ao abordar o conceito de ideologia, compreende-se que "as definições ideológicas são interna e imanentemente sociológicas", ou seja, o espaço não pode ser separado das formações sociais que o produzem (Volochinov, 2019 [1895-1936], p. 113). A interação entre os sujeitos e o ambiente natural é, portanto, ideologicamente carregada e socialmente construída. Assim, “a arte é imanentemente social: o meio social extra-artístico, ao influenciá-la de fora, encontra nela uma imediata resposta interior. Nesse caso, não é o alheio que age sobre o alheio, mas a formação social sobre outra” (Volochinov, 2019[1895-1936], p. 113)

A literatura se revela como uma ferramenta essencial para o geógrafo expressar o mundo, transformando-o em um poeta que reflete sobre a existência e o espaço de maneira mais profunda e humanizada. Enquanto Volochinov (2019) destaca que a ideologia está intrinsecamente ligada às práticas sociais, Santos (1996) confirma essa visão ao mostrar que até mesmo o espaço também é produto dessas interações. A dimensão fenomenológica do espaço

evidencia que ele é construído tanto individual quanto coletivamente, através das experiências humanas. Nesse sentido, a literatura possibilita transcender as limitações físicas do espaço, oferecendo uma reflexão sobre ele como um cenário dinâmico, repleto de narrativas e subjetividades. Como observa Dardel (2011, p. 23), a linguagem do geógrafo se transforma na do poeta ao observar o "jogo alternado das sombras e da luz", o que possibilita uma análise que expressa sensibilidade e abrangência.

O artista, ao representar a existência humana, inevitavelmente lida com a concretude espacial, ou seja, com as fronteiras físicas e externas do ser humano que são elementos indispensáveis da existência. O espaço torna-se parte da experiência humana, conforme Bakhtin (2011 [1979], p. 86-87).

O corpo exterior do homem é dado, suas fronteiras exteriores e seu mundo são dados (na concretude extraestética da vida), são um elemento indispensável e insuperável da concretude da existência, daí que necessitam, conseqüentemente, de recepção estética, de recriação, elaboração e justificação; é o que se faz por todos os meios de que a arte dispõe: cores, linhas, volumes, palavras, sons. Visto que o artista lida com a existência e o mundo do homem, lida também com a sua concretude espacial, com as suas fronteiras exteriores como elemento indispensável dessa existência, e, ao transferir essa existência do homem para o plano estético, deve transferir para esse plano também a imagem externa nos limites determinados pela espécie do material.

O corpo e suas "fronteiras exteriores" são essenciais para a existência humana, e essas fronteiras requerem uma "recepção estética", sendo a arte o meio pelo qual se dá essa recriação, por meio de cores, linhas, palavras e sons. No plano estético, a concretude espacial é reinterpretada pela arte, pelos "diversos componentes da linguagem literária, como a figuração das formas, os registros de situações, o efeito de entrelaçamento de imagens, a textura, a dispersão" que, nas narrativas, "obrigatoriamente necessitam dizerem os espaços, falar de sujeitos que tramam a vida num espaço, sofrendo dele as perturbações, as influências, os condicionamentos" (Chaveiro, 2018, p. 78).

A realidade literária é apreendida na literariedade por meio da inter-relação de tempo e espaço, ou cronotopo, no qual as ações das personagens e os eventos narrativos estão inseparavelmente ligados ao ambiente social e histórico em que ocorrem. O cronotopo, derivado do grego *chronos* (tempo) e *topos* (espaço), refere-se à fusão essencial desses elementos, formando uma unidade que estrutura a narrativa e orienta a evolução das personagens. Sob a ótica dos conceitos bakhtinianos, "o cronotopo tem um significado fundamental para os gêneros na literatura", determinando a natureza dos eventos narrativos e suas transformações (Bakhtin, 1998, p. 211). Essa unidade entre tempo e espaço permite que a

trama e os personagens se desenvolvam de maneira orgânica, refletindo as condições históricas e sociais nas quais estão representados.

Na interação dialógica, os elementos de um texto se comunicam e se influenciam mutuamente, sem que nenhum seja totalmente autônomo. Os "[...] signos ideológicos são constituídos no processo de interação social, onde os interesses das diversas classes sociais direcionam a construção das representações materializadas na palavra" (Volochinov, 2018 [1929], p. 67). A interação entre sujeitos sociais engendra os signos ideológicos, que mediam a vivência psíquica e o ambiente, assim como a paisagem e os personagens em *Mad Maria* se transformam reciprocamente.

O inferno de Günter: de Hamburgo ao Abunã

Este tópico aborda aspectos significativos no âmbito da análise linguística, relacionada à constituição subjetiva e existencial de Günter, cuja identidade é profundamente marcada pelas narrativas e experiências de sua mãe, uma prostituta, descrita com sentimentos ambíguos de repulsa e compreensão. A visão de mundo de Günter é condicionada pelas falas e vivências no ambiente portuário de Hamburgo, onde ele cresceu. A história de sua mãe, que "se tornara uma ratazana portuária" (Souza, 1985, p. 184), ressoa na maneira como ele enxerga a si mesmo e o mundo ao seu redor, revelando como o contexto social e as experiências alheias influenciam diretamente a formação de sua subjetividade.

À luz da teoria bakhtiniana, no dialogismo, as palavras e identidades de um sujeito nunca são exclusivamente suas, mas estão sempre impregnadas por múltiplas vozes e discursos alheios, constituídos pelos contextos sociais e históricos em que o sujeito está inserido. Como ressalta Ponzio (2008, p. 101), "nosso discurso está carregado do discurso do outro, pois falamos através da palavra alheia". Toda enunciação carrega em si a marca de interações anteriores, compondo um tecido dialógico no qual as vozes de diferentes sujeitos e contextos se entrelaçam.

A figura paterna ausente, envolta em histórias fantásticas de um "militar turco, um almirante ou oficial" (Souza, 1985, p. 185), exemplifica como as narrativas da mãe influenciam as percepções de Günter sobre sua própria origem. A ausência paterna simboliza uma lacuna que a mãe preenche com histórias ora amargas, ora fantasiosas, dependendo de seu estado emocional. Essa relação entre as narrativas da mãe e as desconfianças de Günter, que as vê como "fantasias de puta" (Souza, 1985, p. 185), revela como ele é constituído em relação às suas origens e à influência materna.

A migração de Günter e dos alemães para o Brasil em *Mad Maria* reflete de forma clara o contexto socioeconômico de Hamburgo em 1909, marcado por uma grave crise de desemprego que afetou a cidade portuária, intensificando a competição nas ruas e agravando a desigualdade social. O cenário de repressão violenta das greves, que resultou na morte de vários trabalhadores pelas forças policiais, evidencia o papel das estruturas de poder na manutenção da ordem social, mesmo quando isso significava sacrificar a vida dos mais vulneráveis. Essa repressão ilustra a tentativa das elites de proteger o capital e a estabilidade econômica, ainda que às custas das condições de vida dos trabalhadores.

Nesse cenário, práticas sociais começaram a se desintegrar, levando trabalhadores honestos a recorrer ao crime — pequenos furtos e assaltos — como uma resposta desesperada à fome e ao desemprego. O contexto socioeconômico de Hamburgo, portanto, mobilizou muitos trabalhadores em buscar melhores condições de vida na América, como ilustrado no fascínio por uma possível vida melhor no novo continente: “A América fascinava e logo os norte-americanos podiam contar com quatrocentos homens prontos para embarcarem” (Souza, 1985, p. 186). Esse entusiasmo e esperança de uma vida próspera simbolizam a precariedade da situação na Alemanha no período, onde as oportunidades eram escassas e o continente americano surgia como uma válvula de escape para as condições insustentáveis de trabalho.

O sonho de prosperidade não correspondia à realidade enfrentada pelos imigrantes, a exploração sistemática começava já no recrutamento na Europa e se estendia até as Américas. Os trabalhadores “não tiveram a curiosidade, na hora de firmar o contrato, de perguntar exatamente para que lugar da América estavam sendo contratados” (Souza, 1985, p. 186), revelando a vulnerabilidade e a falta de informações básicas durante o processo de migração. Muitos, ao pensarem que estavam sendo levados para os Estados Unidos, foram surpreendidos ao desembarcarem em Belém do Pará e, em seguida, serem enviados para Porto Velho, no estado de Rondônia.

A ausência de transparência nas contratações e a falta de direitos trabalhistas refletiam a precariedade social e econômica da época, tanto na Europa quanto nas Américas. Os empregadores não forneciam detalhes importantes sobre as condições de trabalho, e a migração, que muitos esperavam ser uma fuga da miséria, transformava-se em uma nova forma de exploração. Podemos reafirmar nossa perspectiva no seguinte trecho sem recortes na narrativa de Souza (1985, p 187):

O cônsul da Alemanha veio a bordo, mas não conversou com nenhum dos homens, limitou-se a examinar as papeladas de posse dos agenciadores norte-americanos. As papeladas pareciam corretas e o cônsul nunca mais foi visto. Os mais agitados começaram a se conformar e Günter esperava, sem curiosidade, como seria afinal Porto Velho, destino final do navio. Os sonhos e as esperanças daqueles que ainda tinham capacidade para estas coisas se transferiam para Porto Velho. Günter mantinha-se isolado, não gostava de fazer amizades, não confiava em ninguém. Mas, agora, estava ali furando a selva, liderando os sobreviventes do porto de Hamburgo. Conhecia todas aquelas caras ansiosas, sabia das aspirações de cada um dos homens. O destino de todos em suas mãos era uma ironia cruel, mas ele não se importava nada com este fato. Aliás, não se importava com coisa alguma, queria só escapar.

A presença do cônsul da Alemanha no porto de Belém, que "não conversou com nenhum dos homens", exemplifica a indiferença das autoridades em relação às condições dos trabalhadores, reduzidos a meros números e documentos, simbolizados pelas "papeladas" verificadas pelos agenciadores norte-americanos. A ausência de diálogo com os trabalhadores demonstra como as estruturas coloniais e capitalistas desumanizam esses indivíduos, transformando-os em figuras sem voz, sujeitas às decisões tomadas em esferas distantes e inacessíveis. A saída silenciosa do cônsul, que "nunca mais foi visto", reforça esse abandono, acentuando a invisibilidade dos trabalhadores no sistema.

Nesse ambiente de desamparo, a liderança de Günter emerge de forma inesperada e irônica, pois ele não se vê como um líder natural. As condições de opressão e o vazio de perspectivas forçam Günter a assumir uma posição de comando, embora ele "não se importasse com este fato", alheio às responsabilidades que lhe são impostas. O desejo de fuga de Günter se torna central em sua subjetividade, refletindo o impacto que o território — a floresta amazônica e o espaço de Porto Velho — exerce sobre ele e os demais. O território, que inicialmente simbolizava um destino de esperanças — “os sonhos e as esperanças [...] se transferiam para Porto Velho” —, rapidamente se transforma em um espaço de sobrevivência, onde essas aspirações se dissipam diante da luta diária pela vida no trabalho forçado na floresta.

O espaço amazônico, para muitos, simboliza uma possível redenção. No entanto, para Günter, que “mantinha-se isolado” e “não confiava em ninguém”, esse espaço não traz nenhuma esperança. Sua liderança, forjada pela desilusão, destaca a ironia da situação, pois, embora conhecesse "todas aquelas caras ansiosas" e os sonhos de cada um, ele mesmo não partilhava dessas esperanças. Seu único objetivo era escapar, o que ressalta como o espaço e o território são vividos de maneira distinta pelos personagens: enquanto alguns ainda sonham com uma nova vida, para Günter, a floresta é uma prisão da qual ele precisa fugir.

Günter é um personagem em constante conflito, preso entre forças opressivas e sem uma perspectiva clara de futuro. Ele não tem um projeto de vida definido, e sua existência parece

marcada pela urgência de escapar: "Mas Günter não era exatamente um homem revoltado, não tinha perspectivas claras e nenhuma vontade especial quanto a sua vida. A única coisa que ele agora desejava era escapar" (Souza, 1985, p. 186).

A fuga de Günter e seus companheiros da construção da ferrovia Madeira-Mamoré é uma tentativa desesperada de romper com as estruturas de poder que os mantêm em condições de quase escravidão. Günter "não podia construir nada que se assemelhasse a um projeto de vida, porque o futuro sempre fora para si uma porta fechada, cada vez mais inacessível" (Souza, 1985, p. 186). A ferrovia, nesse contexto, simboliza um espaço de opressão e desumanização, onde os trabalhadores são subjugados e explorados. Esse espaço se transforma em um campo de conflito entre vozes — entre opressores e oprimidos, esperança e desespero (Bakhtin, 2011). A fuga pela floresta simboliza essa batalha, na qual o desejo de liberdade se choca com a realidade das estruturas de trabalho forçado, doenças, mortes e o ambiente hostil. A voz de Günter expressa o reflexo das práticas sociais e do contexto histórico de exploração que permeia o romance.

Finalmente, a experiência de Günter no Abunã reflete como a voz de sua mãe continua a ressoar em sua vida adulta. A comparação entre sua própria condição no trabalho forçado e a prostituição de sua mãe — "eles estavam ali que nem prostitutas, com a agravante de nunca treparem" (Souza, 1985, p. 186) — evidencia como o passado de sua mãe e sua relação com o trabalho marginal influenciam diretamente sua visão de mundo. Sua recusa em aceitar a opressão e seu desejo de escapar, tanto do reformatório quanto do Abunã, são ecos da repulsa da mãe pelos "fechados ambientes dos bordéis" (Souza, 1985, p. 185).

O espaço em interação com as personagens em *Maria, a louca...*

Ao abordar a interação dos operários alemães com a paisagem amazônica, busca-se compreender como a descrição detalhada da floresta, dos rios e da fauna influencia as emoções, atitudes e ações das personagens, constituindo uma parte essencial da narrativa e do desenvolvimento psicológico delas. A floresta representando um elemento ativo que determina a trajetória dos personagens. A experiência evocativa aparece nas escolhas estilísticas do autor ao detalhar minuciosamente as sutilezas da selva, permitindo ao leitor sentir o peso emocional e físico do ambiente. Essas descrições imersivas criam uma ponte entre o leitor e a experiência das personagens.

Em Souza (1985, p. 187) podemos depreender algumas leituras:

Aliás, não se importava com coisa alguma. Queria só escapar. Mas a fuga não era fácil. A selva tornava-se densa, cipós enroscavam-se de uma árvore para outra e recusavam-se a serem cortados, porque eram duros como ferro, luxuriantes turfos de flores. Tombavam do copado das palmeiras gigantes e insultavam com sua beleza os angustiados fugitivos.

O espaço amazônico influencia os personagens à medida que estes interagem com a floresta, atuando como um agente responsivo que obriga os personagens a confrontarem seus limites internos e externos, criando uma relação de tensão contínua. A responsividade, nesse contexto, é entendida como o processo pelo qual os sujeitos, conscientes ou não, fazem escolhas e constroem réplicas no ato de enunciação, motivando ações e reações que são mediadas pelo ambiente. Em *Mad Maria*, as adversidades enfrentadas pelos personagens na floresta amazônica revelam as tensões entre a tentativa de dominação humana e a resistência da natureza, um conflito que pode ser lido como uma metáfora das lutas de poder e exploração social.

Na narrativa, a floresta "responde" à presença humana não por meio de palavras, mas por suas ações, que manifestam uma responsividade silenciosa, porém intensa. Compreende-se que "Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva [...]; toda compreensão é prenhe de resposta" (Bakhtin, 2011 [1979], p. 271). A resistência dos elementos naturais — como cipós que "se enroscam" e se recusam a serem cortados — configura a floresta como um agente ativo, um interlocutor que, embora não fale, age. Essa ação da floresta simboliza uma forma de diálogo físico e simbólico, onde a natureza se impõe e interfere nas intenções e movimentos dos personagens. Assim, a responsividade da floresta se manifesta através da sua própria dinâmica natural, que "responde" à intervenção humana, revelando um conflito latente entre o desejo de controle dos personagens e a resistência intrínseca da natureza.

A relação entre espaço e subjetividade é central em *Mad Maria*, ao mesmo tempo, o espaço não é neutro, ele carrega as marcas das relações de poder que provoca as ações dos personagens. Essa interação entre o espaço físico e as forças sociais que o conformam dialoga diretamente com a perspectiva de Volochinov (2019 [1895-1936], p. 113), para quem a arte é "imanentemente social" e reflete as formações sociais em que está inserida.

A floresta, como espaço na literariedade, representa as contradições da modernidade e o confronto entre o progresso tecnológico e a preservação natural. Para Volochinov (2019 [1895-1936]), a interação entre o meio social extra-artístico e a arte revela como uma formação social influencia outra. No caso de *Mad Maria*, a selva se torna uma metáfora das lutas sociais

e históricas da região, onde o avanço da ferrovia e o desejo de progresso se chocam com as forças da natureza e as resistências culturais dos povos locais.

A análise da interação entre os personagens e a paisagem que configura o espaço em *Mad Maria* deve incorporar tanto a dimensão sociológica, destacada por Volochinov (2019 [1895-1936]), quanto a dimensão socioeconômica e histórica enfatizada por Santos (1996). O espaço amazônico se apresenta como um campo de disputas ideológicas e culturais, onde as práticas sociais e as dinâmicas naturais se entrelaçam e impulsionam os personagens a negociar suas subjetividades. Essa interação ilustra como o espaço é constituído e reconstituído pelas relações de poder e pelo embate entre o prometido progresso e a resistência da natureza.

Conforme afirmado, "a obra ficcionaliza os conflitos e desafios atinentes à construção da Estrada de Ferro [...], e o faz com maestria de arranjos narrativos e fluxos de consciência, desvelando conflitos e relações insustentáveis, estabelecidos sob o signo da violência" (Oliveira; Santos; Barbosa, 2020, p. 254). Ao combinar diferentes fluxos de consciência e perspectivas narrativas, Márcio Souza constrói um quadro polifônico, no qual as vozes de diversos personagens se entrelaçam. Esse entrelaçamento permite ao leitor refletir sobre as consequências do progresso e a modernização no contexto amazônico, expondo tensões sociais e culturais.

Observe outro trecho do romance de Souza (1985, p. 187-188).

A barreira complicada do verde das folhas arrancava a força deles e a escuridão era cada vez maior na proporção em que eles se extenuavam. A selva não oferecia nenhuma desculpa para eles viverem. Era outra prisão. Onde rachavam os troncos podres e o som dos vegetais na agonia da morte formava ecos rascantes aos passos dos homens, que procuravam marcar uma trajetória sobre a densa e milenar camada de húmus podre e molhado. Gunther e seus companheiros seguiam chapinhando em seus esforços variados por vezes, outras ilógicas, como atos de loucura que a sede de escapar permitia, juntando-se aos ruídos gélidos da noite que chegavam rapidamente no lúgubre ressoar

A floresta é apresentada como uma entidade viva e quase consciente, que "arrancava a força deles" e "não oferecia nenhuma desculpa para eles viverem". A interação ativa e responsiva entre os personagens e o ambiente exemplifica a dialogicidade presente na obra, onde todos os elementos, humanos ou não, participam de uma troca dinâmica de forças e significados. A luta dos personagens contra a selva revela uma tentativa de impor ordem em um espaço que resiste à intervenção humana, criando um diálogo de resistência entre a natureza e os homens.

A floresta, por sua vez, impõe sua própria lógica, desafiando os esforços dos personagens de maneira quase irracional. Quando o texto menciona que os homens realizam "esforços variados, por vezes ilógicos, como atos de loucura", revela-se a influência da paisagem sobre as subjetividades dos personagens. Esses atos "ilógicos" demonstram a luta contra uma natureza que não se submete às regras humanas, destacando o embate entre as vozes da floresta e dos homens. A resistência da paisagem, nesse caso, age como uma resposta à presença humana, reforçando a ideia de que o espaço e os personagens estão em constante diálogo, e a natureza se recusa a ser passiva.

O conceito de cronotopo, fundamental para Bakhtin (2011 [1979]), é útil para compreender a maneira como tempo e espaço estão entrelaçados na narrativa. A floresta "milena" e "húmus podre e molhado" indicam um tempo histórico que contrasta com o tempo urgente dos personagens. A luta dos homens é diminuta frente à imensidão da natureza, e o descompasso entre os "cronotopos" evidencia a batalha existencial entre o tempo da natureza e o tempo humano. Enquanto os personagens lutam contra o avanço da noite e o cansaço, a floresta segue seu próprio ritmo, indiferente à pressa e ao desespero humano.

A convivência de múltiplas vozes na narrativa, ou seja, a heteroglossia apresenta-se evidente na sobreposição das falas dos personagens, do narrador e da própria natureza. Os "ecos rascantes" e "ruídos gélidos" da selva se misturam às lutas internas dos personagens, revelando um ambiente onde as vozes humanas e não humanas coexistem. O som dos "vegetais na agonia da morte" se une à narrativa como se a natureza estivesse em constante comunicação com os homens, criando uma rede dialógica onde todos os elementos participam da construção do espaço narrativo.

Considerações

A integração entre geografia e literatura neste estudo permitiu analisar o espaço como uma construção cultural e social. Essa perspectiva alinha-se ao conceito de "geograficidade" de Dardel (2011), que propõe uma visão do espaço além de seus aspectos físicos, compreendendo-o como um cenário repleto de significados, interações e histórias. Ao "contrabandear" conhecimentos de outras áreas, como a geografia, conforme sugere Volochinov (2018 [1929]), tornou-se possível adotar formas inovadoras de análise literária que abordam questões contemporâneas como territorialidade, espaço, subjetividade e existência.

A perspectiva bakhtiniana do dialogismo tornou possível refletir sobre como as múltiplas vozes na narrativa se entrelaçam, mostrando que as subjetividades dos personagens

são formadas em constante diálogo com o ambiente e as forças sociais. A conexão entre espaço e poder, fundamentada nos conceitos de Santos (2006), reforça que o espaço amazônico em *Mad Maria* se constitui por contradições ideológicas e disputas de poder, representando as questões sociais e econômicas da época que reverberam na contemporaneidade.

Destacou-se ao longo da análise a maneira como Márcio Souza entrelaçou a narrativa com elementos da história, geografia e identidade cultural da Amazônia, utilizando a construção da ferrovia Madeira-Mamoré como uma representação da resistência entre o progresso e a resistência da natureza. A ferrovia, como eixo central da narrativa, desencadeou escalas de interações em vários níveis entre a composição da paisagem amazônica e a atuação dos sujeitos/personagens. Nesse âmbito, foi argumentado como a floresta surge como interlocutora, um outro corpo, um fenômeno que dialogava com os personagens, através do movimento orgânico, na sua própria temporalidade, forçando-os a confrontar seus próprios limites, levando-os à loucura.

A aplicação da abordagem dialógica de Bakhtin foi crucial para aprofundar a compreensão de como *Mad Maria* é atravessada por diferentes temporalidades e espacialidades. O conceito de cronotopo, segundo Bakhtin (2002, p. 258), afirma que "a representação do tempo se une à do espaço como uma metáfora que se faz real: o tempo se faz visível e o espaço responde a esta visibilidade dos movimentos do tempo e do enredo. Os significados tomam a forma de um sinal audível e visível." Conforme Santos (2006) o espaço é híbrido, resultado de uma sobreposição de formas que coexistem e interagem com o tempo histórico. Em *Mad Maria*, a floresta amazônica representa esse espaço híbrido onde temporalidades se entrelaçam e espacialidades se sobrepõem, um cenário complexo que reflete as referências sociais, históricas e culturais da época.

Além disso, a ideia de polifonia, ou a presença de múltiplas vozes independentes na narrativa, reforçam a complexidade das relações entre os personagens e o ambiente. Bakhtin (2010 [1929], p. 5) afirma que "na polifonia, as vozes não se fundem numa única consciência ideológica, mas permanecem independentes e interagem em igualdade". A floresta é apresentada como uma força viva, uma voz autônoma que dialoga com os personagens, resistindo à dominação humana e impondo suas condições. Essa interação constante evidencia o diálogo dinâmico entre os personagens e o ambiente, o que enriquece a narrativa e aprofunda a compreensão das relações entre seres humanos e natureza em um contexto de exploração e resistência.

A abordagem permitiu compreender a floresta como um corpo independente, um agente ativo que, embora não verbalize, exerce sua influência de maneira profunda e silenciosa. Inserida em uma temporalidade própria, a floresta se apresenta como uma rede complexa de interações naturais que opera em ritmos e ciclos que transcendem a percepção humana. Seu movimento orgânico, aparentemente lento, revela uma força rigorosa, montando resistência ao longo do tempo apreendido na narrativa, mesmo diante da tentativa de exploração e destruição por parte dos seres humanos.

Referências

CHAVEIRO, Eguimar Felício. **Espaço, Sujeito e existência: mediações entre Geografia e Literatura - o exemplo da representação de Goiânia.** *Revista Geografia Literatura e Arte*, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 74–89, 2018. DOI: 10.11606/issn.2594-9632.geoliterart.2018.174361. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geoliterart/article/view/174361>. Acesso em: 14 ago. 2024.

SUZUKI, Júlio César; LIMA, Angelita Pereira de; CHAVEIRO, Eguimar Felício. **Geografia, literatura e arte: epistemologia, crítica e interlocuções.** . Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2016. DOI: Disponível em: www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/104 . Acesso em 6 setembro. 2024.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica.** Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal.** Tradução Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011 [1979].

LUKÁCS, Georg. **História e Consciência de Classe.** Tradução de Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MÁRCIO, Souza. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa5552/marcio-souza>. Acesso em: 05 de setembro de 2024. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

OLIVEIRA, Maria Rita Berto de; SANTOS, Deivis Nascimento do; BARBOSA, Xênia de Castro. **Modernidade e violência em Mad Maria, de Márcio Souza.**, Rondônia: Tenso Diagonal, 2020.

PONZIO, Augusto. **A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea.** São Paulo, SP: Contexto, 2008.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado.** São Paulo: EDUSP, 2014.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. São Paulo: HUCITEC, 1988.

SOUZA, Márcio. **Mad Maria**. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1985.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018 [1929].

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009 [1929].

VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas**. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019 [1895-1936].



Este artigo está disponível em acesso aberto sob a Licença Creative Commons Attribution, permitindo uso ilimitado, distribuição e reprodução em qualquer formato, desde que a obra original seja devidamente creditada.